

Tesouro escondido na sauna

GUILHERME GOULART
DA EQUIPE DO CORREIO

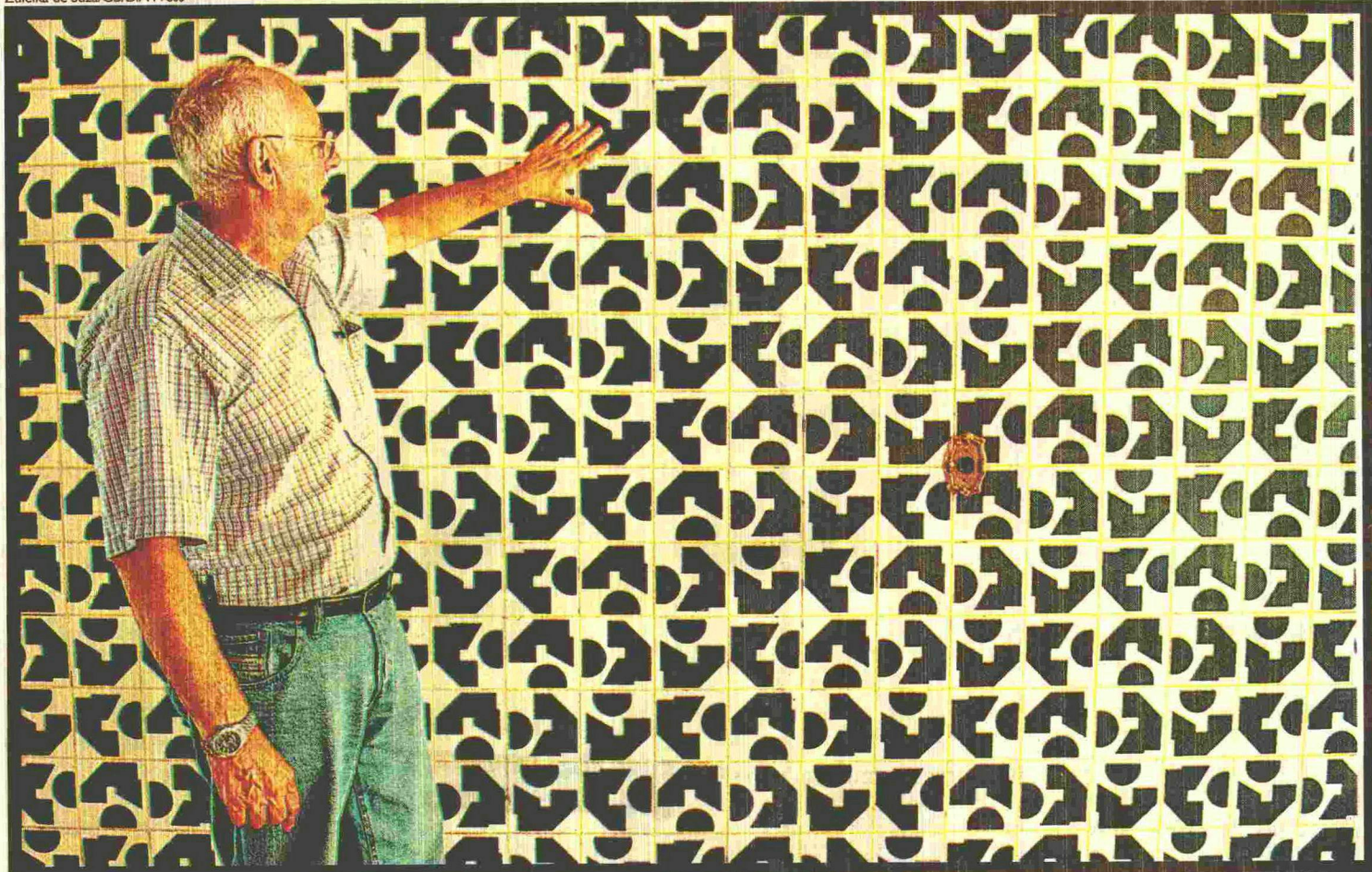
Um painel de azulejos, todos pintados nas cores azul e verde, chama a atenção pelas formas geométricas e abstratas. Cada peça não só embeleza a parede de um dos prédios do clube mais antigo do Distrito Federal, o Brasília Country Club (BCC), como emociona quem fica diante dela. O desenho tem, pelo menos, 35 anos, mas só agora virou certeza o que há tempos se desconfiava: a autoria do artista plástico Athos Bulcão. A obra é considerada a mais recente descoberta de um trabalho produzido pelo carioca, brasileiro de coração, morto em 31 de julho do ano passado na capital que adotou desde 1958.

Os azulejos compõem o Prédio da Sauna desde 1974. Sobreviveram à última reforma do local, há 7 anos, quando só se suspeitava que eram de Athos. “Na suspeita, achamos melhor preservar. Derrubou-se a parede onde ficava o painel original e se montou em outra”, contou o gerente-geral do BCC, Lourenço José Ferreira Neto. O lugar ganhou o nome de Espaço Carlos Augusto Vilalva Negreiros Falcão, em memória ao ex-presidente do Conselho Deliberativo. Mas as peças acabaram trocadas de posição. As verdes ficam nas extremidades e funcionam como moldura; as azuis estão ao centro.

A revelação sobre a autoria das peças ocorreu por iniciativa de uma sócia do BCC, a paisagista Maria Luíza Almeida Gusmão. Na época da reforma, as cores e as formas dos azulejos a fizeram supor que o trabalho fosse de Athos Bulcão. Tentou até paralisar as obras. “Eu e uma outra sócia (Maria Regina Diniz) brigamos para que o painel não fosse retirado dali. Era tudo muito parecido com o traço do Athos, apesar de não ter a confirmação. Até procuramos a documentação da construção do prédio, mas não encontramos nada”, lamentou Luíza.

Até então, nem mesmo o engenheiro responsável pela obra, Hamilton Lourenço, se via em condições de resolver o mistério. Ainda hoje, ele não tem certeza quanto à assinatura das pe-

Zuleika de Souza/CB/D.A. Press



O ADMINISTRADOR DO COUNTRY CLUB, LOURENÇO JOSÉ FERREIRA, DIANTE DOS AZULEJOS RECONHECIDOS: “NA SUSPEITA, ACHAMOS MELHOR PRESERVAR”

ças coloridas. “O Celso Lelis (arquiteto), que trabalhou comigo na construção do prédio, me entregou o desenho e eu mandei fazer os azulejos em São Paulo. Não sei dizer de onde ele o tirou”, afirmou Lourenço. Otto Ribas, ex-presidente do Instituto de Arquitetos do Brasil no Distrito Federal (IAB-DF), informou ao *Correio* que Lelis morreu há alguns anos.

Apesar da aparente impossibilidade na confirmação do autor dos desenhos, a paisagista Luíza tirou várias fotos do painel original do BCC. Na época, não existiam máquinas digitais. Guardou os negativos até o ano passado, quando imprimiu algumas fotografias e as entregou à Fundação Athos Bulcão (Fundathos). O artista ainda era vivo. E reconheceu as peças como sendo de sua autoria. “Eu guardei todo esse material e sempre deixei para depois. Felizmente, deu tempo de mostrar enquanto ele estava vivo”, comemorou Luíza.

Arquivo Pessoal



ANTES DA RECONSTRUÇÃO, POSIÇÃO DAS CORES E DAS PEÇAS ERA DIFERENTE

Metodologia

A secretária-executiva da Fundathos, Valéria Cabral, foi quem levou as fotos tiradas pela paisagista Luíza até o artista plástico. Mas ela reage de maneira bem distinta à mais recente descoberta. Comemora o achado, mas estranha a forma de reconstrução do painel. “A boa notícia é que o desenho dos azulejos se tratam de um Athos

Bulcão. Graças a Deus, preservaram esse material. A má notícia, porém, é que remontaram do jeito errado”, explicou a mulher que acompanhou o trabalho do artista plástico por 14 anos.

Segundo ela, a montagem das peças criadas por Athos Bulcão segue uma metodologia durante a construção das obras. Assim, jamais poderiam ser colocadas

lado a lado, como estão atualmente no Espaço Carlos Augusto Vilalva Negreiros Falcão. “Quando se trabalha com duas cores, como é o caso, coloca-se, por exemplo, duas peças azuis, uma verde e uma branca a cada grupo. Depois, no outro grupo, vão duas verdes, uma azul e uma branca. Vê-se com facilidade que nada disso foi seguido”, afirmou Valéria.

A secretária-executiva da Fundathos defendeu a reconstrução do painel, desde que seja seguido o padrão original. Para tanto, seriam necessárias mais fotos anteriores à reforma do Prédio da Sauna. A hipótese não é rejeitada pela administração do BCC. Mas o primeiro-vice-presidente do clube, Afonso Siqueira de Moura, prega cautela numa possível restauração. “Existe o interesse em se refazer tudo, só que é preciso fazer uma avaliação do painel. Até porque não se sabe se os azulejos resistirão a mais uma retirada”, alertou.

A Igrejinha, no original

GIZELLA RODRIGUES,
GUILHERME GOULART
E ANA MARIA CAMPOS
DA EQUIPE DO CORREIO

A imagem de Nossa Senhora embala uma criança no colo. Veste um longo véu solto ao vento. O menino Jesus também não tem os contornos dos olhos, boca e nariz. Carrega uma coroa na cabeça. Várias bandeirinhas estão espalhadas ao redor do desenho sobre um fundo azul. As demais cores usadas na tela continuam desconhecidas, pois só existem registros em preto e branco. A descrição acima é de uma rara obra de arte que adornou as paredes da Igreja Nossa Senhora de Fátima, a Igrejinha da 307/308 Sul, até o início dos anos 1960.

O artista italiano Alfredo Volpi (1896-1988) assina o afresco, um dos poucos com motivos sacros feitos por ele no Brasil. Até o fim do ano passado, a imagem era tida como perdida. Mas uma fotografia dela foi encontrada recentemente pela arquiteta Cristiana Mendes Garcia no Arquivo Público do Distrito Federal. Ela fazia pesquisa para a dissertação de mestrado que aprovação o envolvimento do arquiteto Nauro Jorge Esteves na construção de Brasília. “Quando a enxerguei, fiquei tão surpresa que pedi uma cópia e guardei”, disse Cristiana.

Volpi criou três telas na Igreji-

nha, uma para cada parede do templo. Hoje, no entanto, as paredes estão pintadas de branco e azul. As versões para o episódio são divergentes. Alguns dizem que um padre destruiu a tela a marretadas porque achava a pintura profana. Outros contam que a tela foi fixada quando a tinta ainda estava fresca e, por isso, se descolou com o tempo. Há quem diga, ainda, que o pároco da época mandou colocar cal em cima do afresco e pintou a parede de outra cor.

O frei Amadeu Antonio Semim, pároco interino da Igrejinha, lembrou que os afrescos acabaram cobertos na gestão do frei Demétrio de Encantado. As interferências ocorreram, segundo ele, no início dos anos 1960 por pressão da comunidade. “Quando cheguei aqui (em Brasília), a comunidade não tinha aceitado a obra. Achavam que as bandeirinhas faziam alusão à Festa de São João. Não achavam nenhuma graça naquilo ali”, contou Amadeu, o segundo sacerdote responsável pelo templo, entre 1960 e 1962.

Outro motivo de o desenho ter sido reprovado pela comunidade foi o fato de a Nossa Senhora pintada ser a do Rosário e não a de Fátima, a padroeira da igreja. frei Amadeu contou que os afrescos do artista italiano não receberam marretadas. Segundo ele, Frei Demétrio mandou passar uma camada de cal diretamente por cima dos três painéis da igre-

Arquivo/Arquivo Público do DF



FOTO EM PRETO E BRANCO É UM DOS ÚNICOS REGISTROS DA PINTURA DE ALFREDO VOLPI PARA O TEMPLO DA 307/308 SUL

ja. “Eu não era o responsável pela paróquia nessa época, mas conheci a obra. Até onde eu sei, não se raspol a tinta embaixo (do afresco) antes de se colocar a camada de cal”, disse Amadeu.

Recuperação impossível

O Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan), responsável pelo projeto de restauração da Igrejinha, considera impossível a recuperação da obra por falta de tecnologia. “O que tinha de pintura foi tirado até o reboco. Não passaram só cal. O afresco foi raspado e lixado”, disse o arquiteto da superintendência

do Iphan no DF Rogério Carvalho. O técnico em restauração responsável pela obra, Wagner Matias de Sousa, confirma: “Eu já raspei as paredes da Igrejinha e não encontrei nada embaixo da pintura. Não há nenhum resquício da obra.”

O Iphan convidou o artista Francisco Galeno para devolver a beleza às paredes da Igrejinha. Ele mora em Brazlândia e pintará três telas para colocar no lugar das mesmas paredes dos afrescos de Volpi. Ele trabalha na obra e apresentou uma primeira versão para a comunidade, que opina na criação. “Fiz uma Nossa Senhora sem

aquele rosto clássico e coloquei uma pipa no lugar. Os mais conservadores não gostaram, acharam muito moderno. Vou tirar a pipa e dar uma arredondada no rosto”, adiantou.

Galeno quer começar a pintar as telas na segunda quinzena de fevereiro e se comprometeu a entregá-las em 13 de maio, dia de Nossa Senhora de Fátima. As telas serão pintadas sobre uma estrutura de madeira e não diretamente na parede. Tudo para preservar a obra de Volpi. “Pode ser que inventem uma forma de restaurá-la daqui a 50 anos”, arriscou o arquiteto Rogério Carvalho.